

## Portugueses abrem a casa aos ucranianos

Um dia antes da guerra na Ucrânia começar, o marido virou-se para Jane e disse: “Precisamos de ir agora.” Era de manhã e ela estava a fazer o pequeno-almoço. A viverem em Odessa, Jane Ievhenia, de 32 anos, o marido, de 40, e a filha de seis meses foram abrigar-se numa zona nas montanhas. Estavam entre ir e ficar, fizeram e desfizeram malas. Acabaram por atravessar a fronteira em uma hora, numa altura em que ainda não havia filas nem restrições aos homens entre os 18 e os 60 anos para saírem do país por terem de combater.

Jane tinha posto algumas coisas soltas num daqueles sacos grandes de supermercado. “Trouxe tudo o que pude da minha filha”, incluindo um tapete de brincar, porque ela está a começar a gatinhar. “Falei com os meus amigos e com os meus pais. Toda a gente dizia para não entrarmos em pânico, para não irmos.”

Instalaram-se num hotel na Roménia ainda sem grande plano. De madrugada, o marido avisou-a: “A guerra começou.” Jane ligou para os pais a pedir-lhes que viessem também embora. Faz uma pausa porque se emocionou e continua. Os pais puseram-se então a caminho. A família tinha tido conversas sobre o potencial de conflito, guardaram uma reserva de gasolina por isso não precisaram de ficar horas à espera nas bombas, como tanta gente que vimos em imagens nesses dias. Isso não impediu que demorassem horas a atravessar a fronteira.

No quarto de hotel na Roménia, Jane e o marido começaram a pensar no que fazer. Ela tinha estado em Lisboa três anos antes para participar na Web Summit e pensou que era um bom lugar para se refugiarem. Encontrou um *link* no Instagram e foi parar a um grupo no Telegram, parte da rede que a ucraniana Kateryna Shepeliuk, de 31 anos, e o português David Carvalhão, 43, tinham criado para ajudar pessoas de várias maneiras, entre elas a virem para Portugal.

Escreveu uma mensagem a pedir ajuda para encontrar um sítio que não fosse tão caro quanto aqueles que tinha visto nos *sites*. Mas, de repente, várias pessoas começaram-lhes a oferecer sítio para dormir. “Fiquei chocada no bom sentido com tanta ajuda que recebemos.”

Entretanto, os pais de Jane e a irmã mais nova foram para Bucareste. Com 60 anos, o pai, Alexander, é comandante de navios numa companhia grega; a mãe, Tatiana, é doméstica e a irmã estudante de Linguística. Vieram de carro até Portugal. Deixaram o cão com uns amigos e as câmaras de vigilância apontadas à sua casa, uma moradia em Odessa a minutos do mar. Em Portugal, Alexander pega no telemóvel e mostra-nos a casa: “É do género desta”, aponta. Dias depois, encontraram-se todos em Caxias.

<https://www.publico.pt/2022/03/12/sociedade/noticia/portugueses-abrem-casa-pessoa-perdeu-nao-mete-medo-medo-1998460>